

**IMPACTOS DO PROCESSO DE RECONHECIMENTO, VALIDAÇÃO E
CERTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS NO ALENTEJO (2001-2005):
A DIMENSÃO PROFISSIONAL**

Bravo Nico (1), Lurdes Pratas Nico (1,2) & Fátima Ferreira (1)

(1) Universidade de Évora (Centro de Investigação em Educação e Psicologia) / Portugal

(2) Direcção Regional de Educação do Alentejo/Portugal

jbn@uevora.pt

Resumo

No âmbito de um projecto de investigação, actualmente em curso no Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora¹, definiu-se, como objectivo geral do estudo, conhecer e caracterizar os eventuais percursos escolares, profissionais e pessoais que os indivíduos certificados pelo processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), no Alentejo, no período 2001-2005 concretizaram após a conclusão desse processo.

No período considerado, existiam, no Alentejo, 6 Centros de RVCC em funcionamento (actuais *Centros Novas Oportunidades*) e foram certificados 2969 indivíduos.

Na presente comunicação, apresentamos os resultados obtidos, ao nível da **dimensão profissional** dos indivíduos que concretizaram o processo de RVCC. através da aplicação de um inquérito a adultos certificados em processos de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) realizados, em 2003, em Centros de RVCC do Alentejo.

1. Breve nota introdutória

De acordo com estudo realizado por Nico (2009), em todo o território correspondente aos concelhos administrativos da região Alentejo, no ano 2003, 751 (setecentos e cinquenta e um) indivíduos viram alteradas as respectivas habilitações académicas, através da concretização do processo de RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências). Esta requalificação académica ocorreu através da acção de quatro Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (CRVCC), sedeados em quatro instituições (Fundação Alentejo/Évora, ESDIME (Agência para o Desenvolvimento do Alentejo Sudoeste/Messejana), Centro de Formação Profissional de Portalegre do Instituto do Emprego e

¹ Projecto de investigação denominado “Novas Núpcias da Qualificação no Alentejo”, promovido pelo Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref^a [PTDC/CPE-CED/104072/2008](http://www.fct.pt/PTDC/CPE-CED/104072/2008)).

Formação Profissional e ADL (Associação de Desenvolvimento do Litoral Alentejano/Santiago do Cacém) que, nesse ano, constituam a rede a operar no território da região Alentejo. Esta população foi submetida a um inquérito que assumiu, como objectivo, a avaliação de eventuais impactos da frequência deste percurso de qualificação e da obtenção da respectiva certificação, nas diferentes dimensões dos indivíduos: pessoal, profissional, social e continuação de trajetórias formativas. Os resultados obtidos, através das respostas recolhidas, evidenciam consequências nos percursos profissionais dos indivíduos pouco significativas, em nítido contraste com as mais evidentes alterações nos contextos pessoais e sociais.

2. Breve revisão da literatura

2.1. A importância das aprendizagens não formais e informais

No âmbito do processo de RVCC, os adultos são confrontados com a utilização de uma metodologia das histórias de vida, “recordando” e reflectindo sobre todas as situações que lhes possam ter proporcionado aprendizagens e competências significativas. Assim, são confrontados com uma multiplicidade de contextos de aprendizagem que diferem entre si, quer nos espaços, quer nas metodologias ou nos conteúdos, embora, na maioria das vezes, não lhes atribuam o devido valor e significado. Um dos campos que maior relevância assume no desenvolvimento de um processo de reconhecimento e validação dos adquiridos experienciais é o das aprendizagens não formais e informais. Para delimitarmos o perímetro conceptual das diferentes modalidades de aprendizagem aqui referidas, recorreremos às seguintes formulações:

- i) De acordo com o CEDEFOP (Trigo, 2002a:19), a **aprendizagem não formal** “*é aquela que resulta de contextos de trabalho ou de acções de formação sem reconhecimento formal, isto é, sem certificação ao nível escolar ou profissional.*”. Já Imaginário (2007:4) refere que, no contexto da aprendizagem não formal, as “*...aquisições intencionais, planeadas, realizadas em contexto de trabalho ou em qualquer outro contexto de vida, podendo mesmo ser veiculadas por acções de formação, que todavia não se integrem (...) no sistema de educação e formação(...)*”;
- ii) Quanto à **aprendizagem informal**, esta é uma aprendizagem não organizada, que pode ser intencional ou não. A expressão *educação informal* teve a sua génese na Conferência de Williamsburg, num relatório elaborado por Schwartz, em 1969 (Cavaco, 2002). Para Canário (1999), as aprendizagens informais constituem “*situações potencialmente educativas, mesmo que não conscientes, nem intencionais (...) correspondendo a situações pouco estruturadas e organizadas*”. Outras interpretações de **aprendizagem informal**, referidas na literatura consultada, são, em seguida, indicadas:

“el conjunto de procesos y factores que generan efectos educativos sin haber estado expresamente configurado a tal fin” (Bernet, 1993:17);

“é um processo de desenvolvimento experiencial (...) aprendizagem realizada acidentalmente, não intencionalmente, (...) resultante de experiências de vida, (...) pode ainda ser chamada de aprender-fazendo, (...), ou de aprender-usando...” (Imaginário, 2007:4)

- iii) A **aprendizagem experiencial** é um conceito que surge, com alguma frequência, associado à aprendizagem informal. Constituindo este tipo de aprendizagem uma das mais importantes, para grande parte dos adultos que se inscreveram nos Centros de RVCC, e sendo este o nosso objecto de estudo, consideramos importante caracterizar o conceito. Carneiro (2001), a propósito deste tipo de aprendizagem, reafirma que todos os adultos têm experiências nas quais aprendem, sobretudo se desprendidos de certas “obrigações” e ou condicionalismos a que a vida, tantas vezes, conduz. É o carácter de inconsciência que parece marcar esta categoria de aprendizagem, na medida em que, amiúde, nem nos damos conta que estamos efectivamente a aprender

2.2. A criação do Sistema Nacional de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências em Portugal (SNRVCC)

A partir das décadas de 80 e 90, na Europa, afirmam-se, de forma crescente, os dispositivos de reconhecimento e validação dos adquiridos experienciais, como uma necessidade por parte dos indivíduos que, ao longo da vida, foram adquirindo e acumulando experiências a partir das respectivas vivências. Apesar desta referência cronológica, desde, pelo menos, o final da II Guerra Mundial que se conhecem experiências nesta área (Nico, 2011:62).

Em Portugal, foi necessário definir medidas que permitissem fazer face ao problema dos baixos níveis de qualificação e de sub-certificação de adultos que cedo integraram o mercado de trabalho, adquirindo várias competências. Assim, urgia criar, entre outras medidas, um dispositivo que lhe reconhecesse esse mesmo potencial. Esse dispositivo viria a ser designado de sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), tendo sido criados os Centros de RVCC. Estes foram criados, no âmbito das funções da Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (1999-2002), um instituto público de dupla tutela (Ministério da Educação e Ministério da Trabalho e da Solidariedade Social).

Nos Centros de RVCC, os adultos viram reconhecidas as competências adquiridas através da experiência de vida e, partindo desse processo, obtiveram a certificação escolar equivalente

ao Nível Básico (1.º, 2.º, 3.º Ciclos) e, em momento posterior (2007), o Nível Secundário (12.º ano). Actualmente, estes Centros de RVCC foram reestruturados e renomeados de *Novas Oportunidades* (CNO), assumindo novas e ampliadas funções, que não passam apenas pelo reconhecimento e validação dos adquiridos experienciais. O encaminhamento para outras ofertas formativas, mais adequadas ao perfil e interesse do adulto, numa lógica que se inscreve nos princípios da aprendizagem ao longo da vida, contextualizada, adequada e diversificada, faz hoje parte das atribuições dos CNO. Actualmente, o dispositivo de RVCC desenvolve-se numa rede de Centros, disseminada pelo país.

Concretamente, na região Alentejo, há 40 Centros, dos quais 62,5% são promovidos por escolas públicas do Ministério da Educação. A importância deste dispositivo tem vindo a ser revelada no trabalho empírico de vários estudos (Esdime, 2007; Rico, 2007; Rico & Libório, 2009; Nico, 2009; Nico, 2011) e projectos de investigação científica.

3. Caracterização das instituições e dos indivíduos participantes no estudo

As instituições seleccionadas e que foram objecto de análise nesta comunicação foram 4 Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências a operar no Alentejo, em 2003:

1. ESDIME (Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste), com sede em Messejana (Aljustrel);
2. Fundação Alentejo, com sede em Évora;
3. Centro de Formação Profissional do IEFP, com sede em Portalegre;
4. ADL (Associação de Desenvolvimento do Litoral Alentejano), com sede em Santiago do Cacém;

3.1. Caracterização dos indivíduos participantes no estudo

Do total de 751 adultos certificados no ano de 2003, nos 4 Centros identificados, 206 responderam ao inquérito por questionário. A distribuição dos inquéritos, por Centro de RVCC (CRVCC), foi a seguinte:

Quadro 1 – N.º de respondentes

Centro de RVCC	N.º de indivíduos certificados (2003)	N.º de respondentes
Fundação Alentejo	285	88
ESDIME/ Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste	360	84
ADL/Associação Desenvolvimento Litoral Alentejano	70	24

Centro de Formação Profissional Portalegre	36	10
Total	751	206

Da leitura do quadro anterior, podemos reter alguns aspectos que consideramos importantes:

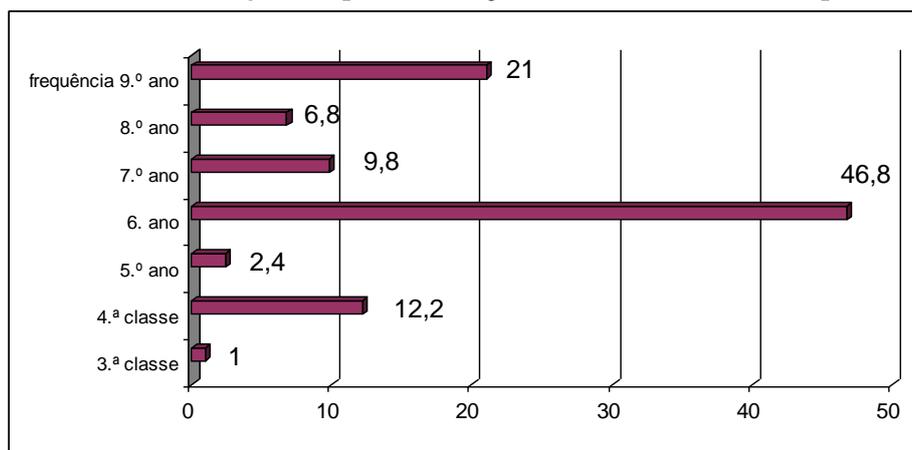
- Aproximadamente 43% do total de respondentes pertencia ao CRVCC da Fundação Alentejo (42,7%);
- 40,8% do total de respondentes pertencia ao CRVCC da ESDIME;
- O Centro onde se registou menor taxa de resposta (face ao n.º total de adultos aí certificados) foi o Centro de RVCC da ESDIME (23,3%);
- Com maior taxa de resposta ao inquérito (face ao n.º total de adultos aí certificados), identificámos o Centro de RVCC da ADL (34,3%).

Quadro 2 – N.º de respondentes por género

Género	Frequência Absoluta (n.º)	Frequência Relativa (%)
masculino	89	43,20
feminino	117	56,80

Como se pode depreender da análise do Quadro 2, registou-se, na população respondente, uma predominância do género feminino.

Gráfico 1 – Adultos certificados por habilitações escolares de acesso ao processo (%)



Em termos de habilitações escolares de acesso dos adultos certificados no ano 2003, verificámos o seguinte (cf. Gráfico 1):

- 46,8% tinha o 6.º ano de escolaridade (2.º Ciclo do Ensino Básico);

- 21% dos adultos apresentava frequência de 9.º ano de escolaridade;
- 12,2% dos respondentes apresentou-se no CRVCC com a 4.ª classe (1.º Ciclo do Ensino Básico).
- Apenas 1% dos adultos possuía a 3.ª classe. Abaixo deste nível de escolaridade, não há registos.

Quanto aos níveis de certificação, os dados obtidos permitem-nos concluir que o maior n.º de indivíduos certificou o nível B3 (3.º Ciclo Ensino Básico).

Quadro 3 – Nível de certificação obtido

Género		Nível certificação				Total
		1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Não respondeu	
	masculino	1	6	82	0	89
	feminino	0	13	102	2	117
Total		1	19	184	2	206

4. Trajectória de vida profissional dos adultos

Através da aplicação do questionário aos indivíduos certificados no ano 2003, procurou-se conhecer, entre outras dimensões e aspectos, a trajectória de vida profissional dos indivíduos que concluíram, com sucesso, o processo de RVCC.

No que respeita à situação face ao emprego, no início do processo, 86,9% dos respondentes estava empregada e 12,1% desempregada. Os restantes (1%) não responderam ou indicaram outras situações.

Tendo por base a nomenclatura apresentada pela *Classificação Nacional das Profissões* (IEFP, 2001), no início da realização do processo, a nível profissional 26,1% pertence ao Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores).

Quadro 4 – Adultos certificados: profissão no início do processo

Profissão quando iniciou o processo		Frequência Absoluta (n.º)	Frequência Relativa (%)
	Grupo 2	3	1,6
	Grupo 3	8	4,3
	Grupo 4	25	13,3

	Grupo 5	49	26,1
	Grupo 6	8	4,3
	Grupo 7	17	9,0
	Grupo 8	17	9,0
	Grupo 9	19	10,1
	Desempregado	2	1,1
	Aposentado	1	0,5
	Estudante	1	0,5
	Indiferenciado	12	6,4
	Não respondeu	26	13,8

Apenas 29,9% dos adultos certificados no ano 2003 mudou de profissão, sendo que essa mudança ocorreu em 6 dos 9 Grupos de Profissões identificadas na *Classificação Nacional de Profissões*, com destaque para a área dos serviços gerais, administrativos e técnicos (Quadros 5 e 6).

Quadro 5 – Adultos certificados: profissão actual

Profissão actual	Frequência Absoluta (n.º)	Frequência Relativa (%)
A mesma	143	70,1
Outra	61	29,9
Total	204	100,0

Observando as áreas profissionais onde ocorreram as mudanças profissionais concretizadas pelos 61 indivíduos que as referiram, concluímos que foi nos Grupos 5 e 8 que ocorreram maiores alterações.

Quadro 6 – Adultos certificados: mudança profissional

Identificação da mudança de profissão		Freq. Absoluta (n.º)	Freq. Relativa (%)
	Grupo 2	2	3,3
	Grupo 3	4	6,6
	Grupo 4	7	11,5
	Grupo 5	12	19,7

Grupo 7	2	3,3
Grupo 8	10	16,4
Grupo 9	6	9,8
Desempregado	6	9,8
Aposentado	4	6,6
Licença de Amamentação	1	1,6
Estudante	4	6,6
Indiferenciado	2	3,3
Não respondeu	1	1,6

Procurámos saber se essa mudança se teria devido às oportunidades que o processo de RVCC proporcionou. Conforme se pode observar no Quadro 7, obtivemos 53 respostas:

Quadro 7 – Mudança profissional: importância atribuída ao processo de RVCC

Mudança profissional: Importância atribuída ao processo de RVCC		Frequência Absoluta (n.º)	Frequência Relativa (%)
Influenciou	Directa	11	20,8
	Indirectamente	13	24,5
Não Influenciou		29	54,7
TOTAL		53	100,0

Da leitura do Quadro 7, podemos concluir o seguinte:

- Mais de metade dos que mudaram de profissão referiu que isso não se relacionou directamente com o facto de ter realizado o processo de RVCC (54,7%);
- Apenas 20,8% dos adultos certificados no ano 2003 atribuiu ao processo de RVCC uma influência directa na mudança de actividade profissional;

Outro aspecto importante decorre do facto de 41,2% indivíduos referirem ter encontrado emprego em consequência, directa ou indirecta, do processo de RVCC.

Quadro 8 – Novo emprego: importância atribuída ao processo de RVCC

Novo emprego: Importância atribuída ao processo de RVCC		Frequência Absoluta (n.º)	Frequência Relativa (%)
Influenciou	Directa	4	11,8
	Indirectamente	10	29,4
Não Influenciou		20	58,8
TOTAL		34	100,0

Relativamente à dimensão profissional, o cruzamento de variáveis como a mudança profissional e o nível de certificação obtido, permite-nos concluir o seguinte, de acordo com o Quadro 9:

Quadro 9 – Mudança profissional: importância atribuída ao processo de RVCC e nível de certificação

Mudança de profissão	Nível certificação		Total
	2.º Ciclo	3.º Ciclo	
Sim	1	10	11
Não	4	25	29
Em parte	1	12	13
Total	6	47	53

- 25,7% (11 adultos) do total de inquiridos que respondeu no inquérito, quando questionados sobre a importância do processo RVCC na mudança profissional, referiu que essa mudança ocorreu devido ao processo de RVCC;
- Dos 29 indivíduos que não consideraram relevante a importância do processo na mudança profissional, apenas 4 certificaram o nível B2 e os restantes nível B3.

Quadro 10 – Novo emprego: importância atribuída ao processo de RVCC e nível de certificação

Encontrou emprego	Nível certificação		Total
	2.º Ciclo	3.º Ciclo	
Sim	1	3	4
Não	2	18	20

	Em parte	0	10	10
	Total	3	31	34

Conclui-se o seguinte, do anterior quadro:

- No que respeita aos adultos que encontraram emprego, dos inquiridos (4) que referiram ter encontrado emprego devido ao processo de RVCC, a maioria (3) tem o 3.º Ciclo do Ensino Básico;
- Dos inquiridos que consideraram que encontrar um emprego se deveu “em parte” ao processo, todos certificaram o Nível B3 (3.º Ciclo do Ensino Básico).

Conclusões

Concluindo, ao nível da trajectória de vida profissional, dos 206 adultos certificados no ano de 2003, nos 4 Centros de RVCC em funcionamento na região Alentejo, 50% não teve qualquer contributo na mudança de actividade profissional. Contudo, refira-se que os indivíduos que reconheceram uma mudança/melhoria na sua trajectória profissional, em consequência, directa ou indirecta, da realização do processo de RVCC, apresentam níveis de qualificação mais elevados.

As últimas palavras escritas ficam reservadas aos que as verbalizaram, durante o trabalho de campo que foi realizado:

“Hoje tenho 53 anos (...) e cada vez sinto mais vontade de aprender e é por tudo isso e sobretudo por mim própria, que já me inscrevi para chegar ao 12.º ano.”

“É muito gratificante fazer estes projectos para pessoas como eu que tenho 48 anos (...) nunca tive oportunidade de estudar”

“Acho que, ao entrar para o CRVCC, descobri que tinha várias competências que nunca valorizei e agora sei que, aquilo que fui adquirindo ao longo da minha vida, foi valorizado.”

“É importante ser feliz e acreditar, acreditar em nós, de que somos capazes!”

“Eu sou uma das pessoas que voltei a acreditar que ainda sou capaz!”

“valorização das minhas competências e as competências dos formadores.”

“Quando aceitei o desafio, não foi pensando em subir profissionalmente, porque na instituição em que trabalho não adiantaria muito, mas sempre ajuda e é sempre bom termos mais do que menos”.

“penso voltar para o 12.º ano para talvez puder mudar de categoria que de outra forma seria difícil...”

“ Apenas referir a importância da continuidade (...) para uma melhoria de emprego e valorização pessoal”

“Foi muito importante fazê-lo mas não me foi útil.”

“Não cheguei a mudar de categoria profissional porque quando acabei o 3.º CEB, me foi dito que teria de ter o 11.º ano ou 12.º ano ...”

“A nível profissional não houve absolutamente nada de interessante. Mas pessoalmente acho bom...”

“...com o 9.º ano já consegui uma reclassificação e não quero ficar por aqui, hei-de conseguir chegar mais longe...”

“Mas, graças ao processo RVCC, consegui um certificado que me pode trazer algumas possibilidades de melhoria no emprego e poder ajudar as minhas filhas a conseguir aquilo que não consegui.”

Bibliografia

BERNET, J. (1993). *Otras Educaciones. Animación sociocultural, formación de adultos y ciudad educativa*. Barcelona: Editorial Anthropos.

CANÁRIO, R. (1999). *Educação de Adultos: Um Campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

CARNEIRO, R. (2001). “Aprender 2020: uma agenda internacional”. in *Cadernos Saber Mais (Suplemento da Revista Saber Mais)*. nº 11. Lisboa: ANEFA.

CAVACO, C. (2002). *Aprender fora da escola*. Lisboa: Educa.

ESDIME (2007). *Estudo sobre o Impacto da Certificação de Competências na Vida das Pessoas: A Experiência da Esdime*. Camarate: IEFP.

IMAGINÁRIO, L. (2007). “(Re)valorizar a aprendizagem: práticas e respostas europeias à validação de aprendizagens não formais e informais”. in *Conferência Valorizar a Aprendizagem: práticas europeias de validação de aprendizagens não formais e informais*. Lisboa. Texto policopiado (distribuído). pp.1-17.

NICO, L. (2009). *Avaliação do(s) Impacto(s) do Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), no Alentejo (período 2001-2005)* [Tese apresentada à Universidade de Évora tendo em vista a obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Educação]. Évora: Universidade de Évora (policopiada).

NICO, L. (2011). *A Escola da Vida: Reconhecimento dos Adquiridos Experienciais em Portugal. Fragmentos de Uma Década (2000-2010)*. Mangualde: Edições Pedago.

RICO, H. (2007). *O Impacto do Processo de RVCC: perspectivas dos adultos certificados*. [Dissertação apresentada à Universidade de Coimbra, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação]. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

RICO, H. & LIBÓRIO, T. (2009). *Impacte do Centro de RVCC da Fundação Alentejo na qualificação dos alentejanos*. Évora: Fundação Alentejo.

TRIGO, M. (2002a). “Importância das aprendizagens não formais e informais na formação dos adultos”. in *Revista Saber Mais*. N.º 12. Lisboa: ANEFA. pp. 18-20.